

Audrey Carlan

A
garota DO
CALENDÁRIO



MARÇO

Tradução
Andréia Barboza

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP 2016



VERUS
EDITORA

Editora

Raíssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Maria Lúcia A. Maier

Capa, projeto gráfico e diagramação

André S. Tavares da Silva

Foto da capa© Svyatoslava Vladzimirska/
Shutterstock (casal)

Título original*Calendar Girl: March*

ISBN: 978-85-7686-518-6

Copyright © Audrey Carlan, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedito Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C278g

Carlan, Audrey

A garota do calendário : março / Audrey Carlan ; tradução
Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2016.
21 cm. (A garota do calendário ; 2)

Tradução de: Calendar Girl: March

Sequência de: A garota do calendário : janeiro
ISBN 978-85-7686-518-6

1. Romance americano. I. Barboza, Andréia. II. Título.
III. Série.

16-31990

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

1



NO EXATO INSTANTE EM QUE MEUS PÉS TOCARAM O CHÃO DA ÁREA DE DESEMBARQUE no aeroporto de Las Vegas, fui esmagada entre duas formas: uma alta e magra, a outra pequena e firme. Minhas narinas foram invadidas pelo cheiro de chiclete de menta e cereja quando os dois corpos se enroscaram no meu, saltitando e gritando. O som parecia o das hienas que uivavam na jaula quando Alec e eu visitamos o zoológico em Seattle.

— Nossa, eu senti tanto a sua falta — Gin choramingou, antes de me dar um selinho. Ah, era dela o chiclete de menta. Em seguida minha irmã caçula, Maddy, a tirou do caminho e me puxou para seus braços longos. Cereja. Desde pequena ela tem cheiro de cereja, e eu nunca me interessei em saber por quê. Como todo o resto, eu simplesmente aceitava esse fato. Era tudo o que importava. Maddy me abraçou, seu porte me fazendo parecer pequena com meu um metro e setenta e três. Ainda que eu fosse a mais velha, ela detinha o recorde de altura em nossa pequena família, com um metro e oitenta. Aos dezenove anos, Maddy era definitivamente bonita, mas ainda não tinha encorpado como eu na idade dela. Seu metabolismo imbatível a mantinha magérrima. Garota de sorte.

Os olhos de Maddy se encheram de lágrimas. Segurei seu rosto com ambas as mãos.

— A menina mais linda do mundo — eu me derreti. — Mas só quando sorri...

— Você sempre diz isso. — Seus lábios se curvaram para cima e eu ganhei o sorriso que adorava mais que o de qualquer outra pessoa.

— Porque é verdade. Você é a menina mais linda do mundo. Não é, Gin?

Minha amiga fez uma bola com o chiclete e enroscou o braço no meu.

— É. Agora vamos picar o burro.

Revirei os olhos.

— É picar a *mula*, Gin. — Ela parou no meio do setor de desembarque do aeroporto.

— Que seja, você entendeu. Engoliu o dicionário, é?

Dei uma gargalhada. Como aquilo era bom. Ótimo, na verdade. A tensão saiu pelos meus poros de maneira quase física, como se pudesse cair no chão e se esparramar pelo piso emborrachado. Deus, era bom estar em casa. As garotas me levaram até o Honda de Gin.

— Onde está o carro do papai, Mads? — Coloquei minha bagagem no porta-malas e sentei no banco do passageiro. Maddy entrou pela porta de trás e enrolou uma mecha de cabelo no dedo.

— Hum... — Olhou pela janela, os olhos se movendo de um ponto a outro, como se estivesse tentando pensar em algo para dizer.

Meus ombros caíram.

— O que aconteceu com o carro dele?

— Nada. — Ela deixou escapar um longo suspiro e continuou enrolando a mecha de cabelo loiro, recostada no banco de trás. O que quer que fosse, ela não queria me contar.

— Conte para ela, Mads — Gin pressionou.

Minha irmã bufou e se endireitou. Fechou os olhos e depois abriu. A determinação surgiu em poderosas rajadas de cor naquelas profundezas verdes.

— Os caras que espancaram o papai destruíram o carro dele também.

Meu estômago queimou.

— Por que você não me contou antes? — A raiva desceu pela minha coluna e foi até as mãos. Fechei-as em punhos. Se alguém chegasse perto de mim agora, estaria ferrado.

— Eu só...

— Só o quê? Como você tem ido para a faculdade?

— Normalmente de ônibus, mas às vezes a Ginelle me leva. — Seu olhar se desviou para minha melhor amiga. Gin sorriu brevemente. — E tem o Matt, o cara de quem eu te falei. Ele me dá carona às vezes. Disse que vai me ajudar como puder. — A voz dela ficou tensa.

— Aposto que vai. Mads, isso não é seguro. Você não mora perto da faculdade e fica morta de cansaço depois das aulas. Como você faz quando precisa ficar até mais tarde na biblioteca? — Inspirei profundamente e expirei com raiva, me virando no banco. Minha irmã estava em risco, caramba. Não podia usar o carro do nosso pai porque Blaine e a porra dos capangas dele o destruíram. O que mais? O que mais poderia acontecer?

A mão de Maddy tocou meu ombro calorosamente.

— Está tudo bem, Mia. Eu estou bem. A gente se vira com o que tem, certo?

— Não mesmo. Vamos arrumar um carro pra você amanhã. Não acredito que você ficou a pé esse tempo todo. — Cutuquei o braço de Ginelle com o dedo. — Você, hein? Devia ter me contado. — Com um suspiro profundo, tirei o cabelo do rosto.

— Você não pode pagar, Mia... — Maddy tentou protestar.

— Não se atreva a me dizer o que eu posso ou não pagar. Você está sob a minha responsabilidade nos últimos quinze anos.

Só porque está com dezenove, não significa que eu vou parar de cuidar de você num passe de mágica. — Apertei os dentes, tentando controlar a irritação. — Meu Deus. Só de pensar em você andando do ponto de ônibus até a nossa casa, *naquele bairro*, me dá urticária, Mads! Não faça mais isso. Por favor, por mim — suavizei o tom. — Vou te comprar um carro amanhã. Ganhei um dinheiro extra com os dois últimos clientes.

— É mesmo? — Gin me olhou de soslaio, sabendo muito bem de onde viera o pagamento extra. — E como foi que você conseguiu isso, meu bem? Com o traseiro? — Ela riu.

Soquei seu braço... com força.

— Ai! Sua vaca! Isso foi totalmente desnecessário.

— Você me chamou de puta! Foi totalmente necessário. — Estreitei os olhos e a encarei. Mesmo dirigindo, eu sabia que ela podia sentir a intensidade do meu olhar.

— Tá bom, foi necessário. Mas eu vou fazer você olhar para o hematoma o tempo todo e morrer de remorso.

— Nem ligo. Você pode levar a Mads e eu para comprar o carro amanhã?

Ela assentiu.

— Tirei folga pelos dias que você vai ficar aqui.

— Ah, muito meigo da sua parte.

— Eu sei ser meiga. — Suas sobrancelhas se franziram.

— Eu não disse que não sabia.

— Mas deu a entender que eu geralmente não sou. Deixa eu te contar: ontem à noite eu estava com um cara, e ele foi lá pra baixo e disse que a minha vag... — Eu me inclinei e tapei sua boca com a mão.

— Que tal deixar isso para outra hora, vadia? — Fiz um gesto com os olhos, apontando para Maddy.

— Ah, me poupe — Maddy se intrometeu. — Como se eu não soubesse do que ela está falando. Você acha que eu sou muito inocente.

Soltei Gin e me virei num flash.

— Você quer dizer que *não* é inocente? — Eu apostaria cinquenta dólares que minha pele, normalmente bronzeada, empalideceu naquele momento.

Maddy cruzou os braços e revirou os olhos.

— Eu ainda sou virgem. Você sabe que eu te contaria. Caramba. Mas eu sei o que quer dizer “ir lá pra baixo”. Não sou idiota.

— Já aconteceu com você? — Prendi a respiração, sem ter certeza de que queria saber a verdade.

Ela balançou a cabeça, mordeu o lábio e olhou pela janela.

— Não, mas às vezes me irrita você agir como se eu fosse uma criança. Eu já sou adulta, sabia? Você precisa aceitar isso. Se eu quiser deixar um cara ir lá pra baixo e beijar a minha pepeca, vou fazer e pronto.

— Beijar a sua pepeca? — Gin repetiu. — Você quer dizer a sua boc... — Apertei sua perna antes que ela pudesse soltar algo que aborresse Maddy ainda mais.

— Nem mais um pio — grunhi baixo. Seus olhos se arregalaram e ela bateu na minha mão. — Mads, você sabe que pode contar comigo, né? Se quiser falar sobre qualquer coisa desse tipo. — Estiquei o braço até o banco de trás e ela segurou minha mão. — Mesmo que eu não esteja aqui em Vegas, você pode me ligar sempre que quiser. De dia ou de noite, tá?

Ela se inclinou para a frente e encostou a testa em minha mão.

— Eu estava com saudade — sussurrou.

Apertei seus dedos.

— Eu estava mais.

Ela abriu seu sorriso perfeito. Caramba, Deus estava de bem com a vida quando me deu Maddy como irmã mais nova. Não poderia ter escolhido melhor.

— Então, para o centro de recuperação? — Gin perguntou, quebrando o momento.

— Sim. Eu preciso ver o pops.



O centro de recuperação ficava no alto de uma colina com vista para um longo trecho do deserto. Era estranho. Como se tivesse sido construído para manter as pessoas doentes e em recuperação adequadamente longe de Vegas, para que elas não maculassem o brilho e o glamour da Strip.

Involuntariamente, desacelerei o passo enquanto caminhávamos pelos corredores. As paredes eram pintadas de amarelo-claro. Mosaicos retratando o deserto decoravam o corredor.

Maddy parou diante de uma porta aberta.

— Ele está neste quarto. Quer entrar sozinha?

— Você não se importa? — Ela sorriu de um jeito suave. Minha irmã é uma alma velha. Sempre considerei um dom a forma como ela consegue ler as pessoas. Um dom que eu, certamente, não tenho. Talvez, se eu tivesse uma personalidade como a dela e aqueles olhos gentis, também conseguisse ficar longe de homens que não são bons para mim. Provavelmente era por isso que ela ainda era virgem. Conseguia enxergar um cretino a quilômetros de distância.

— Venha, Gin. Vamos até a cafeteria ver se a sra. Hathaway fez os famosos biscoitos dela.

Os olhos de Ginelle se iluminaram, como se tivessem acabado de ver um diamante.

— Estamos lá fora. — Ela se agarrou ao braço de Maddy e as duas se afastaram em busca das guloseimas.

Respirei fundo e fechei as mãos trêmulas em punho.

Eu consigo. É o meu pai. Meu pops...

A passos lentos, entrei no quarto, caminhei ao redor da cortina, que havia sido puxada para garantir privacidade, e encontrei

meu pai. Ele parecia estar dormindo, embora eu soubesse que não estava. As lágrimas turvaram minha visão quando me aproximei e sentei na cadeira perto da cama.

Sua mão estava ao lado do corpo. Eu a segurei, me inclinei e a beijei.

— Pops... — falei, embora mal pudesse ouvir minha própria voz. Pigarreando, tentei novamente: — Pai, sou eu, a Mia. Estou aqui — sussurrei. Segurando a mão dele contra o peito, cheguei o mais perto possível. Ele parecia um milhão de vezes melhor do que quando o encontrei, depois de ter sido espancado por Blaine e seus capangas, dois meses antes. Os hematomas do rosto tinham desaparecido. Duas finas cicatrizes rosadas cortavam sua testa e a lateral do rosto. Talvez ficassem lá para sempre, talvez desaparecessem. Só o tempo diria.

O restante do corpo parecia bem. Ele tinha perdido muito peso. Tanto que não parecia mais o meu pops fofinho. Era apenas uma casca sem vida que um dia abrigou um grande homem. Pelo menos ele foi um grande homem, antes de minha mãe ir embora. Sufoquei os soluços, mas as lágrimas caíram de qualquer jeito.

— Por que você teve que se envolver com o Blaine? Por quê?

Esfreguei o queixo em sua mão, inclinei o rosto em seu peito e deixei tudo sair. Minha raiva por ele ter se machucado, por ter pegado tantos empréstimos, por jogar, por ser um alcoólatra e por me deixar sozinha para arrumar a bagunça. Mais uma vez. Como sempre.

— Pai, você se superou dessa vez. As coisas que eu estou fazendo por você... — Deixei as palavras morrerem, sem querer admitir que era uma acompanhante de luxo.

Não importava se eu transava ou não com meus clientes, sempre seria uma coisa ruim. A palavra *acompanhante*, por si só, tem uma conotação pesada.

— Estou fazendo o que posso. Protegendo a Maddy. Cuidando para que ela siga em frente com a faculdade. Ela está indo muito bem. Até conheceu um cara... Talvez você precise acordar pra chutar a bunda dele. — Olhei para seu rosto, esperando, rezando para que ele abrisse os olhos. Nada aconteceu.

Peguei um lenço de papel na mesa de cabeceira e assoei o nariz.

— Eu conheci pessoas incríveis nos últimos dois meses. No começo, achei que trabalhar para a tia Millie seria um pesadelo, mas tem sido bem agradável, sabe? Meu primeiro cliente foi Weston Channing Terceiro. Sim, Terceiro. Eu debochava dele o tempo todo por causa disso.

Ri e voltei a pensar em Wes e no dia em que nos conhecemos. No momento em que o vi subir as escadas da praia, eu soube que ficaria envolvida por seu charme.

— O Wes me ensinou a surfar. E também me ensinou que nem todos os homens são iguais.

Sorrindo, eu me recostei, apoiei os pés na beirada da cama e contei sobre meus dois caras favoritos. Falei sobre os filmes de Wes e que ele tinha uma ótima família. Prometi que, se meu pai acordasse, eu o levaria para ver um dos filmes de Wes e compraria um grande balde de pipoca para nós.

— Depois eu conheci o Alec. Ele é francês, pops. Um francês de verdade, juro por Deus. Ele me chamava de *jolie*, que significa bonita. Tenho de admitir que eu gostava.

Afastei uma mecha de cabelo do rosto e inclinei a cabeça para trás, olhando para o teto. Os azulejos acima da cama eram estampados com cenas praianas. Gostei. Pensar que, quando ele acordasse, a primeira coisa que veria seria a praia, e não a ardósia branca, tornava as coisas mais fáceis.

— O Alec me pintou, pai. Você não ia gostar muito de algumas telas, porque eu estava nua. Mas ele não se aproveitou

de mim. Não mesmo. Nós nos divertimos e ele me amou. Só que foi muito diferente de qualquer tipo de amor que eu experimentei antes, ou dos sentimentos intensos e muito reais que tenho pelo Wes. Eu comparo ao meu amor pela Ginelle, mas na versão masculina e com um pouco mais de contato físico.

Muito mais, para ser sincera. Sorri e olhei para ele. Nada. Os olhos continuavam fechados.

— O Alec me ensinou que não tem problema eu amar outras pessoas além de você, da Mads e da Gin. Me mostrou que é possível se preocupar, amar de verdade e, ainda assim, não ficar com a pessoa pra sempre. Foi muito doce. O tempo que eu passei com ele me ajudou a enxergar algumas coisas sobre mim. É triste pensar que não vou mais vê-lo. Talvez eu veja o Wes. Ainda estou confusa em relação a ele, pops. — Olhei para seu rosto, tão sereno e calmo. Então soube que este seria o único momento em que eu poderia admitir o que vinha me afligindo havia mais de um mês. Dar voz aos pensamentos que estavam se arrastando em meu subconsciente.

Olhei para a porta e não vi ninguém. Sabendo que não havia bisbilhoteiros à vista, despejei tudo.

— Pai. — Minha voz tremeu. Umedeci os lábios e suspirei. — Talvez eu esteja apaixonada pelo Wes. Apaixonada de verdade. E sabe o que mais? — perguntei, mesmo sabendo que ele não poderia responder. — Isso me assusta pra caramba. O meu histórico é um lixo. Uma verdadeira porcaria. O meu coração quer se jogar, mas o cérebro me lembra de todos os idiotas que vieram antes. Fora isso, eu ainda tenho mais dez meses de trabalho até que a dívida com o Blaine seja paga. — Bufei. — Claro que o Wes se ofereceu para pagar. Me pediu para ficar. Mas eu não aceitei. Ele ficou em Malibu.

Descansei os olhos e me recostei na cadeira antes de colocar a mão sobre meu coração. Doía. Estava machucado pela perda

da promessa de algo mais com Wes. Eu não podia aceitar. Mas queria. Mais do que já quis qualquer coisa. Eu não era o tipo de mulher que tem ideias de grandeza, que acredita que a vida é dinheiro, carros e juventude sem fim. Não. Eu cresci pobre, trabalhei duro, tive de cuidar da minha irmã e ajudar meu pai a sobreviver. A vida de Wes não chegava nem perto da vida que eu levava, e isso ajudava a fazer dele um cara atraente. Porém não era o momento para mim e Wes. Por isso tinha sido tão fácil cair nos braços de Alec. Até que realmente pudesse acontecer, havia muita vida e experiências para encarar.

— Eu gostaria que você acordasse. — Segurei sua mão e a beijei mais uma vez. — Anda, pai, acorda. Nós precisamos de você. A Maddy precisa de você. Eu preciso de você.

Minha irmã e Ginelle voltaram alguns minutos depois. Ouvi Maddy contar ao nosso pai sobre a faculdade, deixando de lado, propositalmente, o cara. Planejei especular a respeito daquilo mais tarde. Então Gin contou algumas piadas que tinha aprendido recentemente. Em meio a tudo isso, três pares de olhos o observavam, esperando algum sinal de que ele ainda estava lá. De que meu pai já não tinha nos deixado.

Antes de irmos embora, o médico fez um resumo de seu quadro. Fisicamente ele estava bem, quase totalmente curado de todas as lesões. Um fisioterapeuta vinha todos os dias trabalhar com suas pernas e seus braços. Eles ensinariam Maddy a fazer isso, para dar mais estímulos ao nosso pai. Eu odiava o fato de ela ter que aprender aquilo. Me matava saber que não seria eu a pessoa que ajudaria minha família a passar por isso.

Quando saímos, eu estava muito chateada e precisava desabafar. Casa. Precisava ir para casa. Comer comida caseira, tomar cerveja com minha melhor amiga e descansar dos últimos dois meses. No dia seguinte, eu me encontraria com Blaine.